

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO:
Infância e formação intelectual

LICINIO CELESTINO DA SILVA

NATAL/RN - JANEIRO/1997.

Licínio Celestino da Silva

Luís da Câmara Cascudo
Infância e formação intelectual

Trabalho de pesquisa apresentado a Disciplina Pesquisa Histórica II do Curso de História- Bacharelado e Licenciatura, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Wicliffe de Andrade Costa.

Natal(RN), Janeiro - 1997.

Ao Senhor, meu Deus, que com sua
graça, presenteou-me com o dom
da vida. Obrigado pela força
espiritual.

Homenagem Especial

Ao professor Wicliffe de Andrade Costa, que, com sua capacidade intelectual, me fez enxergar a pesquisa como um instrumento positivo de se trabalhar o verdadeiro conhecimento histórico.

Agradecimentos

Ao Deus supremo, único e poderoso, que nos fez homem, para pensar, tendo-me concedido a graça de conseguir galgar mais este caminho não muito fácil para o meu aprimoramento profissional.

Aos meus pais e irmãos, que direta ou indiretamente, me motivaram a chegar à reta final.

A todos os professores que integram o Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela valiosa contribuição a mim dispensada.

Com carinho, a todos os colegas de curso, que inesquecivelmente, tornaram-se parte deste trabalho, e lembranças dos momentos históricos da minha vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06	
CAPÍTULO I - Nascimento de Cascudo		
1.1 - O nome Cascudo.....	08	
1.2 - Seus pais.....	09	
1.3 - Nasce um menino.....	10	
CAPÍTULO II - Infância e juventude.....		14
CAPÍTULO III - Educação e formação intelectual.....		20
CONCLUSÃO.....	28	
BIBLIOGRAFIA.....	30	

INTRODUÇÃO

Ao elaborar este trabalho abordaremos aspectos importantes da vida de Luís da Câmara Cascudo, dentro de uma visão para se chegar a uma compreensão do fenômeno cultural, precoce, que ele representou com suas produções literárias, prestando relevantes contribuições culturais ao Estado do Rio Grande do Norte. É uma proposta dirigida para uma análise da trajetória biográfica de um produtor literário, num dado momento do tempo.

Abordaremos aspectos do seu nascimento, infância e juventude, sua formação física, moral e intelectual. O convívio com seus pais e professores. Como também ao transcrevermos detalhes do cotidiano de Cascudo - do período da infância até o início da carreira de escritor -, estaremos procurando enfatizar todo um levantamento situacional para melhor poder explicar a vida em comum no Estado e no País daquele início de século, relacionando-a com a personalidade individual de Cascudo e com isto, procuraremos ter uma base para poder explicar a realidade de sua precoce generalidade a partir de uma explicação racional, com validade geral e aceitação para sua época. Assim sendo, procuraremos partir de uma visão, mesmo que superficial, da sociedade brasileira do início do século e de sua organização cultural, estabelecendo as principais características do processo educacional no âmbito das instâncias familiar e institucionais. O processo de inserção de Câmara Cascudo no campo intelectual em relação a sua posição na estrutura da sociedade da época.

Muitos são os estudos biográficos existentes sobre Luís da Câmara Cascudo, eqüivalendo afirmar que sua vida já foi por demais contada e reinterpretada, daí que, para elaboração deste trabalho, buscamos as biografias existentes sobre ele, os livros de memórias, os prefácios e algumas de suas obras, onde o autor nos fala de sua vida.

Percorrendo, atualmente, a relação biográfica de suas obras, podemos verificar o poder de seu saber adquirido de experiências pessoais e convivência com outros mestres, tornando-se um homem conhecido mundialmente como Folclorista, Historiador, Jornalista, Antropólogo, Professor, Humanista, e inúmeras outras qualificações que lhe são atribuídas dentro da área da cultura e do saber. Constatamos ainda, sua contribuição histórico-literária com a publicação de suas obras, que revelam características peculiares do estado do Rio Grande do Norte, valorizando a cultura e o folclore do Estado.

A problemática que procuramos analisar refere-se a uma configuração de uma vocação cultural, que teria sido formada por força de algumas circunstâncias, ou predestinada. Analisar as forças que modelaram a capacidade, as características da personalidade de Luís da Câmara Cascudo. * * *

CAPÍTULO I - Nascimento de Cascudo

I.1 - O nome Cascudo

O nome é a essência da coisa, do objeto denominado. Sua exclusão extingue a coisa. Nada pode existir sem nome porque o nome é a forma e a substância vital. No plano utilitário as coisas só existem pelo nome. Não houve tradição mais poderosa, mais antiga e mais atual, que esta, escondida nos usos e costumes contemporâneos. O nome inicia a existência religiosa e civil da criatura. '1

O sobrenome Cascudo, originalmente, não fazia parte da família paterna ou materna de Câmara Cascudo. Sua família paterna era constituída dos Justino de Oliveira, Gondim, Ferreira de Melo, e Marques. Seu avô era Antônio Justino de Oliveira, filho de Antônio Marques Leal, de origem portuguesa, e que, ficou conhecido pelo apelido de *o velho cascudo* pela devoção que tina ao Partido Conservador, também com essa alcunha. Dois filhos de Antônio Justino - Francisco e Manuel- ,tiveram a idéia de juntar o Cascudo ao nome. Os demais irmãos não o imitaram. O Manuel faleceu em São Paulo, major da Polícia Militar, casado com uma moça alemã, sem deixar descendência. O Francisco, pai de Câmara Cascudo, viu morrer seus dois primeiros filhos ainda criança. E para perpetuar a tradição nascida com ele e o irmão Manuel, registrou o terceiro filho com o nome de Luís da Câmara Cascudo. " Nos primeiros

anos de século XX unicamente eu e um primo, Simplicio, filho de minha tia Maria Severa e filho de criação de meu Pai, éramos Cascudo. Ninguém mais. Depois o nome pegou nalguns primos, nem todos, tornando-se popular no Rio Grande do Norte".² Um nome que tornou-se uma fonte de orgulho, um guia para uma conduta diferente, um símbolo.

1.2 - Seus pais

A melhor forma de estudar a interação das pessoas é através da análise da família. A maior parte das pessoas cresceu em alguma forma de estrutura familiar e aprendeu a se ajustar ao organismo familiar, o que pode determinar uma influência decisiva na formação da personalidade dos filhos. É a família a primeira forma de vida em grupo que a maioria das pessoas experimentam, ela também vai ser a mediadora entre o indivíduo e a sociedade, ajudando-o a ocupar seu lugar. Assim faz-se necessário conhecermos um pouco da biografia dos pais de Cascudo, para que melhor possamos analisá-lo dentro do padrão de uma socialização na estrutura da vida familiar.

O pai de Câmara Cascudo, Francisco Justino de Oliveira Cascudo, nasceu na vila de Campo Grande, hoje cidade de Augusto Severo, no Rio Grande do Norte, em 27 de novembro de 1863 e faleceu em Natal, em 19 de maio de 1935. Estudou as primeiras letras, pouco mais de dois anos, com o professor Joel Eloi Pessoa de Brito, e depois com o irmão mais velho, Antônio, que sabia Latim. Com 18 anos já mascateava da Paraíba ao Oeste do Rio Grande do Norte, até Mossoró. Já em Natal, foi recomendado ao governador Pedro Velho e em 13 de julho de 1892, prestava juramento como Alferes do Batalhão de Segurança, Tenente em 12 de agosto de 1895, e, a pedido, foi exonerado em 24 de março de 1900, com grandes elogios do comando. Ainda neste ano, comprou uma loja de ferragens e miudezas, tornando-a a principal casa do gênero. Em 30 de março de 1903, foi nomeado Tenente-coronel da Guarda Nacional, pelo então Presidente Rodrigues Alves. Em 1904 voltou às atividades comerciais. De 1918 até 1923, exerceu o cargo de Deputado Estadual.

Teve as melhores relações sociais pelo Nordeste e Sul do País, pertencendo a associações prestigiosas, como a Sociedade Nacional de Agricultura e o Club de Engenharia. Durante mais de vinte anos todas as iniciativas úteis, oficiais ou particulares, tiveram em Natal a colaboração decisiva do Coronel Cascudo. Em 9 de outubro de 1888, casou com sua parenta Ana Maria da Câmara Pimenta, na fazenda Logradouro, município do Triunfo, segundo nome de Campo Grande. Ela nascida naquele município em 17 de fevereiro de 1871, faleceu em Natal em 9 de março de 1962. Era uma mulher voltada para sua casa, para sua família. Era pequenina, gorda, pés e mãos minúsculos, olhos verdes. Não freqüentava a alta-sociedade, etiquetas, imposições sociais, quando rica, vestia-se bem e adorava cinema, freqüentando todas as noites, o Royal Cinema, cujo proprietário só iniciava a sessão depois que a via no camarote reservado. Gostava de ler romances, principalmente de Escrich, Richembourg, Georges Ohnet, citados como insuperáveis. Não gostava de dançar embora gostasse de ouvir valsas. Manteve seu lar com interesse, atenção carinhosa, cumprindo a missão humilde, modesta, recatada, das velhas damas. No declínio econômico do marido, não murmurou queixas nem fazia confidências. Desfez-se de quase todas as jóias para ajudar o marido. Tinha um sorriso triste quando via na missa, uma sua jóia no peito, orelhas, braços ou dedos da mulher de um credor impaciente de seu Chico, como ela chamava o marido. Na manhã de 9 de março amanheceu como adormecera." Envolvida na coberta branca, a cabeça oculta num lenço de seda, o terço indulgenciado na mão. Morrerá dormindo...".³

1.3 - Nasce um menino

Luís da Câmara Cascudo é natalense, filho de pais sertanejos. Nasceu na Rua Senador José Bonifácio, que em Natal ninguém sabia quem fora. Essa Rua era mais conhecida como Rua das Virgens e se localizava no bairro da Ribeira. Os moradores da Ribeira eram chamados

de canguleiros comedores de Cangulo, um peixe abundante na época; já os moradores da Cidade Alta eram chamados de xaria, comedores de Xaréu, portanto Câmara Cascudo era canguleiro de nascimento, ou seja, nasceu na parte baixa e originária da cidade, onde o cangulo do Canto do Mangue sobressaía, primitivamente, como o peixe mais freqüente na alimentação popular.

Cascudo nasceu numa sexta-feira, 30 de dezembro de 1898, dia de São Sabino, às 5:30 da tarde. A Fábrica de Tecidos de seu Juvino Barreto, apitava às cinco horas para soltar os operários. Nasceu meia hora depois do apito da Fábrica, pregão sonoro das tardes natalense. A parteira que fez nascimento foi a "velha Bernadina Nery, que morreu em 25 de agosto de 1922 com 82 anos. Apanhara mais de 800 crianças ... seu pai pagou dez mil réis pelo parto. Passeando, aflito, pelo corredor, ouviu o choro e perguntou: - Homem ou mulher ? - Ele veste calças ! -, respondeu a velha Bernadina." ⁴ Desse 1898, algumas criancinhas passaram a Notoriedade. Foram seus colegas de idade, na Espanha, Garcia Lorca, no Brasil, entre outros nomes, podemos destacar Luís Carlos Prestes, Austregésilo de Athayde, que seria mais tarde seu colega na Academia Brasileira de Letras, Virgulino Ferreira, o Lampião.

Logo que nasceu, Cascudo teve seu primeiro banho, com água morna e numa bacia de ágata. A água foi temperada com vinho do porto, para que ele ficasse mais forte e um patacão de prata do Império, para que não lhe faltasse dinheiro. " A vida ensinou-me que esses votos eram supersticiosos e bem intencionados ". ⁵ Foi sua ama-de-leite, Joana Faria, ou Joana de Modesto, morta em 11 de abril de 1953, com mais de cem anos de idade. Sua mãe fizera uma promessa para dar-lhe o nome de Luís de França, mais o Pai vetou o de França por causa de um soldado desse nome que era muito cachaceiro e rixento no quartel. Foram seus padrinhos: o desembargador Joaquim Ferreira Chaves, governador do Estado, e sua esposa dona Alexandrina Barreto Ferreira Chaves. Foi batizado em 9 de maio de 1899 pelo padre João Maria Cavalcanti de

Brito, na capela do Bom Jesus dos Passos, na Ribeira. Após o batizado sua madrinha, levou-o nos braços da capela Bom Jesus até sua casa e entregou-o a sua mãe - era tradição da época as mães não assistirem as cerimônias dos batizados. " Minha madrinha entregou-me a mamãe com as palavras que a tradição esqueceu: - Minha comadre, aqui está seu filho que levei pagão e lhe entrego cristão ".⁶

Notas

1. CASCUDO, Luís da Câmara. Seleta. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972. p.74
2. CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Natal: Imprensa Universitária. 1968. p.33
3. Id., Ibid., p. 43
4. COSTA, Américo de Oliveira. Seleta. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972.p.3 *
5. COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao Universo de Câmara Cascudo. Natal: Fundação José Augusto, 1969. p.10
6. CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Natal: Imprensa Universitária, 1968. p.32

** a referência está errada.*

CAPITULO II - Infância e juventude

Na época da infância de Cascudo, Natal era uma cidade imóvel, ou, andando muito devagar. Era uma cidade pequena; possuía cerca de 30 mil habitantes, iluminação a querosene, com cerca de 90 candeeiros. O sistema de transportes era inexistente, andava-se a pé ou a cavalo. Só em 1908, surgiu o bonde puxado a duas parelhas de burros, e, esse bonde, por mais precário que fosse, estabelecia uma circulação entre os bairros da Ribeira e Cidade Alta. Em 1906, Natal viu o primeiro holofote. Em 1911, veio a luz elétrica e com ela o bonde elétrico e o telefone. Já possuía cinema, mais o povo continuava a preservar todos os seus folguedos tradicionais que eram defendidos principalmente em exposições nas festas tradicionais.

*“ A luz elétrica do meu tempo,
vinha com a lua cheia...”¹*

Tanto por razões teóricas quanto por razões práticas, o estudo da primeira infância torna-se importante, em grande parte, para que possamos entender e analisar o desenvolvimento humano dentro de um processo de aprendizagem e experiência, e, a fim de compreender tais processos, precisamos conhecer as bases em que estes se apoiaram, isto é, a maneira e as condições da manifestação de inteligência. O que acreditamos, depender de muitos fatores ambientais. As experiências de uma criança num certo estágio de desenvolvimento pode influir em seu desenvolvimento posterior. As condições de uma certa precariedade, na saúde do menino Cascudo, fez com que tivesse um estágio de muitas atenções e cuidados durante sua primeira infância, tirando um pouco no seu início de vida, da autoconfiança tornado-o dependente de outros.

Cascudo foi menino magro, pálido, cercado de dietas e restrições principalmente alimentares e clínicas (sic).² “Nasci doente. Criei-me entre cuidados, promessas e flanelas “. Viveu como um animal raro, no meio dos

agasalhos de lã e cobertores de linho. Teve dois irmãos mortos antes que nascessem. Maria Octávia e Antônio Haroldo, falecidos em Caicó onde seu pai era delegado militar. Depois já morando em Natal, nasceu Maria Severina, falecida em março de 1903, com um ano e três meses de idade. Todos morreram da mesma enfermidade - crup, garrotilho e difteria. Para livra-lo da morte seus pais o cobriam de cuidados. " Voltar-se para o passado é como começar uma incursão na infância. A difteria, promoveu a anjos do céu seus três irmãos ".³

*" Quando um indivíduo se volta para o seu passado, podemos ter a certeza de que tudo o que a sua memória trazer à luz terá interesse emocional para ele e assim encontraremos a chave da sua personalidade. "*⁴

Os pais de Cascudo dispensaram-lhe cuidados extremos. Todas as coisas apetecíveis e sedutoras faziam-lhe mal. Procurava evitar comidas salgadas, sereno, areia seca ou molhada, vento da tarde, cabeça descoberta, luz da lua, pé no chão, fruta quente, banho de rio, pisar na grama, brincar de correr, pular janela, cavalinho de carrossel, água de maré, perigo de chuva, e outras tentações normal da vida de menino. Foi uma infância cheia de códigos proibitivos que lhe eram impostos. Restou-lhe o direito de ver livros de figurinhas, colecionar estampas de santos e ouvir estórias de Trancoso. Além do processo educacional familiar de época. " No meu tempo de menino, tomava-se a benção matinal e noturna aos pais, avós, tios, primo dos pais, padrinhos, professores, sacerdotes, e a qualquer velho respeitável. Também aos visitantes ilustres ".⁵

Ainda menino, foi com sua mãe para o sertão, a conselho do Dr. Joaquim Murtinho, com a finalidade de melhorar, *enrijar*, os pulmões. Sertão sem luz elétrica, estrada de rodagem e automóvel. Cascudo, passou a viver a vida sertaneja intensamente e consequentemente vivendo as tradições da cultura interiorana, suas crenças e costumes. Suas pesquisas sobre o sertanejo foram feitas pessoalmente através de fontes de informações reais, sem ser traído pela imaginação de outros escritores. Vivenciando o sertão típico. " Vivi nesse meio. E deliciosamente. Cortei macambira e xiquexique para o gado nas épocas de seca. Dei lanços nos açudes. Esperei a cabeça do rio nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Cacei preás nos serrotes persegui tatus de noite, com fochos e cachorros amestrados " ⁶

Era uma meninice isolada e doente, cercado de brinquedos, porém sem companheiros de folia. " Não possuí, amigo de infância." ⁷ Um dos primeiros brinquedos de que tem lembrança, foi uma gaiola de periquito, porém sem o periquito para que este não o belisca-se. " Meu pai e seus amigos enchiam-me de presentes. Um deles, Valentim de Almeida, deslumbrou-me com vinte caixas de soldadinhos de chumbo. O industrial, Delmiro Gouveia , mandou para mim uma estação ferroviária, com toda aparelhagem mecânica, inclusive o triângulo de reversão. Um mundo colorido e vistoso, girando automático. Em 1915, sua mãe ornamentou uma Árvore de Natal, para os pobres, unicamente com os seus brinquedos. Mas, brincava sozinho. A sua solidão, ausência de companheiros para brincar, dariam hábitos decorrentes: falava só, abstração, timidez, silêncio, lia muito, ficava horas e horas imóvel, num cadeirão de braços, com o livro na perna viajando na imaginação.

Voltando à residir em Natal, cresceu com a cidade, compreendendo-lhe os encantos, descobrindo-lhe o singular e o que de universal. De 1905 a 1910, morou na Rua do Comércio n. 44, em Natal, em um sobradão com sótão. O pai tinha um comércio no andar térreo. A parte posterior do edifício

dava para o rio Potengi. Cascudo fazia do sótão seu pouso. Ali, ele passava as horas olhando o rio, com as pernas agarradas pela ama. Ali, ele sonhava com uma realidade que ainda lhe era desconhecida. O cuidado da mãe era para que o filho não morresse afogado, mesmo assim ele fugia do zelo patriarcal para realizar aventuras e excursões em terrenos proibidos e perigosos. " ... por volta de 1908/1909, é que aprendi a ver o mundo e temer a Deus. Ler aprendi cedo . " ⁸

" Dos tempos de infância, guardo três recordações vivas: o holofote, o cinema e Pedro Velho. " ⁹ O cinema foi um grande acontecimento, a coisa mais extraordinária do mundo. Toda a sociedade compareceu ao cinema, no Teatro Carlos Gomes. O holofote também foi interessante. De repente um jato de luz cortou o ancoradouro num brilho desusado e poderoso. A cidade estremeceu de pavor, enchendo as igrejas de arrependidos. A multidão correu apavorada, era o fim do mundo. " Pedro Velho foi outra das minhas admirações. Era no Estado o senhor absoluto, tangível, palpável. " ¹⁰

Durante sua meninice, Cascudo, por força das atividades do pai, teve contatos com várias reuniões política, acontecidas em sua casa, como também com políticos de destaque e expressão no Estado. Isto levou-o a ter grande admiração por Pedro Velho, então governador do Estado, amigo pessoal do Coronel Cascudo. " Vinte e um dias depois da morte de Pedro Velho, completei nove anos de idade. Vi-o apenas duas vezes. Em nossa casa... e morto através da fenestra de cristal do seu caixão..." ¹¹

A integração de Cascudo na paisagem física e humana de sua terra, como único filho de pais ricos, deu-se de forma robotizada, principalmente pela vivência em um meio-ambiente controlado pela manifesta ansiedade e pressão excessiva por parte dos familiares. Mesmo assim seu contato com a comunidade, nos deixa parecer, que não teve indícios de dificuldades, de adaptação social. Desfrutando de uma boa situação econômica, sempre residindo em casas confortáveis e bem localizadas. Era elegante. " A

cabeleira de poeta belle époque aumentando a cabeça grande e redonda, os cachos voando e se misturando com o rosto, os olhos, numa tempestade romântica. Os ombros curtos, sungados, o andar um tanto incerto de quem não tem obrigação de ir a parte alguma... " 12 Quando rapaz, foi amado pelas moças do lugar. Apaixonou-se por uma menina de dezesseis anos, Dahlia. Ela foi pedida em casamento em um Domingo de Páscoa e casaram-se dois anos depois, sendo ele o primeiro noivo a beijar a noiva na boca em pleno altar, pois os costumes da época só permitia beijos na face ou na mão. Na sua mocidade teve uma existência de Príncipe de Natal. Morava numa chácara, no Tirol, a Villa Cascudo,* centro permanente de reuniões literárias e jantares festivos. Na sua casa sempre aportavam hóspedes ilustres ou mesmo pessoas com as mais diferentes finalidades que lá se hospedavam e narravam experiências vividas ou faziam preleção de suas atividades culturais. Eram poetas, cantadores e ou contadores de estórias. Às vezes ex-escravos que apareciam apenas para almoçar e conversar.

* Em seu fichamento, você registra
"Villa Amélia".

Notas

1. "Entrevista n. 2: 01.11.1984 "
Diario de Natal/ O Poti
Entrevista realizada com Luís da Câmara Cascudo para a série "Luís da Câmara Cascudo ", em Natal/RN.
2. CASCUDO, Luís da Câmara. História que o tempo leva. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924. p. 219
3. COSTA, Zila Mamede. Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual. Natal: Fundação José Augusto, 1974. p.11
4. ADLER, Alfred. In: CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Natal: Imprensa Universitária, 1968. p.21
5. LIMA FILHO, Diogenes da Cunha. Câmara Cascudo: um brasileiro feliz. Natal: RN Economico, 1978. p. 75.
6. COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao universo de Câmara. Cascudo. Natal: Fundação José Augusto, 1969. p.11
7. CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Natal: Imprensa Universitária, 1968. p.54
8. CASCUDO, Luís da Câmara. História que o tempo leva. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924. p. 219
9. Id., Ibid., p. 219
10. Id., Ibid., p. 220
11. CASCUDO, Luís da Câmara. Vida de Pedro Velho. Natal: Departamento de Imprensa, 1959. p. 7
12. LIMA FILHO, Diogenes da Cunha. Luís da Câmara Cascudo: simbolo de brasilidade. Natal: RN Economico, 1908. p. 25

?

CAPÍTULO III - Educação e formação intelectual

" Quando estudei Medicina só se aprendia a arquitetura do homem, a criatura biológica, ossatura, funções, reprodução. Não se estudava o homem como criador de cultura. " 1

Já conhecemos um pouco da infância de Luís da Câmara Cascudo, do seu tempo de menino, de sua integração à paisagem física e humana de sua terra. A maturidade afetiva, emocional e os problemas com a saúde física continuam a acompanhá-lo. Seus pais continuam dando importância ao seu desenvolvimento intelectual. Sua vida continua seguindo tranqüila e seus hábitos se reduzem quase que exclusivamente a dedicar-se aos livros.

Devido ao código proibitivo de vida de menino que lhe era imposto, sua educação, pelo menos no primeiro estágio, ocorreu de forma bastante disciplinada. Aos seis anos já sabia ler, não sabendo-se como aprendeu. Sua casa era cheia de livros presenteados por seu pai e amigos deste. Eram coleções, álbuns, revistas aos montões. Foi o primeiro menino, em Natal, a possuir um quarto para biblioteca, que era visitada, gabada, aludida nos jornais por gente grande. Dispensável pois salientar a gabolice infantil e natural afetação do leitor de calças curtas. Depois de relativamente alfabetizado, já morando novamente em Natal, após uma incursão pelo interior do Estado, veio a febre livresca da qual não se curaria jamais . Quando criança recebia presentes , brinquedos, trazidos do Sul e da Europa. Na juventude, na sua fase de formação educacional, o hábito se perpetuara através dos livros que seu pai mandava vir de toda parte.

Ao examina-mos a influência de determinados sistemas educacionais, veremos que no caso de Câmara Cascudo, foi um processo de educação

intimamente inter-relacionado com aspectos e estruturas de seu ambiente familiar, com as tradicionais preocupações com tradições, crenças e valores. Na sua fase de aprendizado, Cascudo teve como primeira professora, Dona Totônia Cerqueira, magra, imperiosa, serena, voz seca. Com ela Cascudo aprendeu os fundamentos para o resto de seus estudos. " Aprendi com ela os fundamentos inabaláveis de tudo o quanto sei. No fim do ano, amarrou-me uma fita azul no braço, declarando-me aprovado no curso adorável onde fui o único aluno " 2. Para ele essa foi a condecoração mais importante de sua vida.

"Todas as comendas e condecorações posteriormente recebidas não tiveram a significação jubilosa daquela fitinha azul. Alguns dias andei com ela no braço, exibindo-a como um troféu. Minha primeira alegria pública " 3

Após a fase de aprendizado com Dona Teotônia, "... com pavor de que os colegas de sexo me pusessem a perder, como depois puseram, minha mãe fez-me estudar no Externato Sagrado Coração de Jesus, das irmãs Guilhermina e Maria Emília Andrade. Externato exclusivamente feminino..." 4 Cascudo era o único menino naquele colégio de salinha quente, paredes ornadas com imagens de santos , estampas piedosas. O Coronel Cascudo, entretanto, não gostava da instrução mulhêr e, meteu-o no Colégio Diocesano Santo Antônio, para que tivesse amigos meninos.

Ainda em sua fase de iniciação educacional, Cascudo teve o que ele considera, dois importantes professores e que tiveram predominante influência na sua formação. Pedro Alexandrino dos Anjos e Francisco Ivo Cavalcanti.

Pedro Alexandrino trouxe a literatura básica de Portugal e Brasil, fazendo-a familiar ao seu aprendizado. " Ensinou-me a conversar, verificar de perto as formas geniais (...)orientação seletiva " ⁵ Era íntimo do Coronel Cascudo e também seu adversário político. Passava as tardes de domingo em sua chácara, lendo, declamando versos. Eram aulas de sublimação cultural. Ensinava sem gramática. Iniciou Cascudo na aprendizagem da língua materna sem no entanto lhe encher o cérebro com regras gramaticais, porém lhe preconizando forma e estilo, no modo de externar as idéias agrupadas no pensamento. Dava aos alunos o amor pelo idioma. " Afirmava que o gramático sabe a língua e escreve mal. Machado de Assis e Carlos de Laet eram os modelos preferidos " ⁶ Mostrava nos textos, os erros primários dos mestres brilhante.

O professor Francisco Ivo, foi seu segundo mestre. Ensinou a arte de se respeitar a gramática. Era normalista mais essencialmente autodidata pelo impulso da curiosidade, trazendo as regras e com elas uma percepção diversa e mais equilibrada da linguagem. " A 30 de abril de 1914, o Prof. Ivo, considera ter ensinado tudo para o aluno e lhe deseja por escrito que: desenvolva o seu belíssimo talento!" ⁷

O professor Francisco Ivo, foi contratado pelo Pai de Cascudo, por volta de 1914, para ministrar aulas domiciliares na chácara do Tirol, bela e confortável vivenda que era servida por uma linha de bonde que partindo da Ribeira chegava ao prédio que, então, pertencia ao Estado e fora doado ao Áero-Clube do Rio Grande do Norte. O contrato firmado, verbalmente conforme costume da época, entre o pai de Cascudo e o professor, tinha uma característica curiosa: o professor tomaria o bonde das duas horas da tarde, saltaria na chácara do pai do aluno e o veículo continuaria viagem com destino ao Áero-Clube. Voltaria para a Ribeira, mais uma vez subiria com destino ao Áero. e, quando pela segunda vez estivesse de retorno para a Ribeira e atingisse a chácara de residência do aluno, a aula teria

terminado e o professor tomaria o bonde com destino a Cidade Alta. " Algumas vezes, ao chegar à chácara para iniciar os trabalhos, a mãe de Cascudinho vinha ao meu encontro, dizendo: professor, meu filhinho leu até alta madrugada! (...) momentos depois aparecia-me o aluno (...) mas quando terminava seu dejejum (...) já o bonde voltava do Tirol (...) e eu teria que o apanhar, conforme nosso contrato, e, conseqüentemente, naquele dia não teria havido aula ... " 8

Dentro desse processo de análise da formação educacional de Cascudo, podemos verificar uma certa convivência entre professor e aluno. Esta realidade vai despertar no aluno, um padrão de motivação interior, ou seja, o aluno tendo a liberdade de trabalhar com conceitos próprios sendo o papel do professor de livre colaborador. Sem duvida, observamos que o professor tem suas influências sobre o aluno Cascudo, mesmo, não ^{se} tratando-se de um ensino formal, o que demonstra ser um método mais voltado para uma conscientização do aluno em relação a sua vivência com o seu meio.

" Aos dois professores fiquei devendo minha pequenina festa de iniciação com livros, imagens, sonhos e pesadelos intelectuais. Orientaram o meu rito de passagem " 9

O tempo passa e Cascudo vai amadurecendo, aumentando também sua capacidade para uma aprendizagem autodidata. O pai nunca o orientou para torna-se um homem prático, industrial ou comerciante. Cascudo sempre esteve voltado para as influências cujo determinismo era o fator humano. Talvez, seu ambiente familiar tenha sido bastante propício a uma formação desta natureza, determinando até sua forma de agir, de ser, de pensar. Como grande parte dos brasileiros, Cascudo teve na sua fase secundária do processo educacional, uma formação um pouco confusa. Lia de tudo, alternadamente. Eram obras indicadas pêlos amigos, letrados, do

pai. Livros lidos com muita percepção, apesar das irregularidade do sistema educacional do País, que já era normal na época, ^{mas} não entanto Cascudo como aluno inteligente que era, fazia ótimas leituras, aperfeiçoando-se na ortografia, fazendo exercícios de ditado. Aprendeu bons conhecimentos nas operações fundamentais da aritmética e noções de geografia. Estas disciplinas, em poucos meses, deixava o aluno em situação de fazer exames no Atheneu Norte-Riograndense. Para ingressar no Atheneu, Cascudo freqüentou cursos preparatórios para exame, tendo como professores, João Tibúrcio, Manuel Garcia, Luiz Antônio, Celestino Pimentel entre outros bons professores da época. Estudando no Atheneu, Cascudo embrenhou-se na vida intelectual, enriquecendo seus conhecimentos culturais, dedicando-se ao vislumbamento da cultura greco-latina e ao entendimento de línguas estrangeiras como o latim, que passou a conhecê-la com mais profundidade através do Prof. João Tibúrcio.

Em 1914, o Coronel Cascudo comprou um jornal batizando-o com o nome de *A Imprensa*. Era um tempo em que os jornais não tinha serviços telegráficos, recebiam mensagens por telegrama. Tudo era limitado aos conhecimentos provincianos. Natal não possuía biblioteca. Os estudantes não tinham bons conhecimentos além fronteiras. Em 1915, Luís da Câmara Cascudo, então com 17 anos, escrevia para *A Imprensa*, colocando em prática suas diversas leituras. Escrevia notícias cotidianas sobre objetos de sua predileção, casos corriqueiros, passando depois a escrever artigos. Em 1918, publicou sua primeira crônica.

Em 1918, foi estudar medicina na Escola de Medicina da Bahia, morou na Baixa do Sapateiro, na Praça dos Veteranos, numa casa diante do corpo de bombeiros, transferindo-se em 1919 para o Rio de Janeiro. No Rio, estudou em uma Universidade na Praia Vermelha e morou na Rua Cassiano Cascudo não tinha vocação para seguir a carreira medica. Estudou até o quarto ano. Queria ter um laboratório de pesquisa e nesse tempo não havia o curso de

laboratório, fazia-se necessário então, como alternativa, forma-se em medicina. Por falta de vocação abandonou o curso voltando para Natal. Em Natal, foi ensinar em colégios e ajudar em cursos particulares. " Para não ser seu Cascudinho, horrorizando mamãe, fui para a Faculdade de Direito do Recife." ¹⁰ Foi então cursar Direito no Recife, e já nesta época seu pai não estava bem financeiramente. Com poucos recursos ele se hospedava em pensões humildes e típicas. Em dezembro de 1928, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais. " Não tive dinheiro para pagar o retrato no quadro de Formatura, orgulho de todo estudante ". ¹⁰

Também não sentiu vocação para as Ciências Jurídicas, não gostando de ser advogado e abraçou o magistério. "a história foi a sedutora inicial, e o amor fiel inarredável, ensinando-lhe a velhice das novidades e a universalidade do regional " ¹² Era um investigador participante, a observança direta é facilitada por sua natural presença na gente do povo. Registra o que viu e ouviu com facilidade, desconfia da interpretação apressada e imaginária.

Em 1927, já com uma certa decadência econômica, seu pai vendeu o jornal A Imprensa, o que não esmoreceu os ânimos de Cascudo, já que era tarde demais para ele que não conseguia abandonar os livros, as pesquisas e as escritas de um modo geral. Teve no jornal e no seu pai um extraordinário incentivo à expansão do que viria mais ainda, daí em diante, a ser sua avalanche cultural transformada em centenas de livros e artigos. Dedicou-se a vários temas, era apaixonado pela história, geografia, pelas biografias e de uma maneira mais carinhosa pelo Folclore.

Sua formação literária, teve início em 1921 quando com ajuda do pai, publicou seu primeiro livro, Alma Patrícia, no qual enfoca a vida literária do Natal da época, um ano antes do centenário da Independência. Ali unem-se o historiador e o crítico literário. Depois em 1924, surgem outros livros: Jojo abordando aspectos da literatura platina, brasileira e norte-rio-grandense;

Histórias que o tempo leva, livro de pesquisa ampla através de marcas ficcionistas. Ele próprio batia à máquina seus escritos, sem secretária nem datilógrafo, transmitindo as idéias e o conhecimento diretamente para o papel. Não havia rascunho nem cópia. Foi bastante influenciado por vários autores, porém era leitor incansável de Coelho Neto, Aluizio Azevedo, do português Alexandre Herculano, de Camilí Castelo Branco, conseguindo transmitir de maneira imprescindível o vocabulário de Eça de Queiroz, que sem sombra de duvidas, en crustou-lhe muitas experiências do mundo selvagem sem que fosse preciso abandonar o seu lar.

" Luís da Câmara Cascudo não cabe em cronologias encomendadas e fabricadas de seriação intelectual. Ninguém falou mais de bem do Rio Grande do Norte do que ele. Enquanto nós outros brigamos, protestamos, desunimos, desfazendo com as mãos, ele, no silêncio de seu gabinete, no retiro de sua casa, no aconchego de sua família, edificou uma obra monumental que assombra e estarrece o Brasil e o mundo. " (do escritor Manoel Rodrigues de Melo, citação feita por Enélio Lima Petrovich na sua obra Câmara Cascudo: cidadão do mundo.)

NOTAS

1. LIMA FILHO, Diogenes da Cunha. Câmara Cascudo: Um brasileiro feliz. Natal: RN Economico, 1988. p.77
2. CASCUDO, Luís da Câmara. Seleta. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 1972. p.5
3. _____. O tempo e eu. Natal: Imprensa Universitária, 1968. p. 45
4. Id., Ibid.,
5. Id., Ibid., p. 51
6. Id., Ibid., p. 59
7. LIMA FILHO, Diogenes da Cunha . Luís da Câmara Cascudo: simbolo de brasilidade. Natal: RN Economico, 1988. p. 28
8. CAVALCANTI, Francisco Ivo. In: CASCUDO, Luís da Camara. O tempo e eu. Natal: Imprensa Universitária, 1968. p. 8
9. CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu . Natal: Imprensa Universitária, 1968. p. 61
10. Id., Ibid., p. 47
11. CASCUDO, Luís da Câmara. Seleta. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972. p.6
12. COSTA, Zila Mamede da. Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual. Natal: Fundação Jose Augusto, 1974. p. 12

CONCLUSÃO

Situando Luís da Câmara Cascudo dentro de um contexto histórico, procuramos reconstituir momentos vividos por ele principalmente dentro do aspecto de sua formação educacional. Cascudo viveu sua fase de infância e adolescente em um ambiente estimulador e condicionador de uma vocação elaborada. Pelo que podemos avaliar, não apenas sua condição de filho único, com fortes problemas de saúde necessitando de cuidados constantes e uma super proteção por parte dos pais, mais também outros fatores o induziam a reagir a determinadas motivações internas como, por exemplo, uma cultura eleita ao gosto particular de seus pais. Pertencia a uma família tradicional da burguesia local e, como vimos, até antes da falência do pai ele não tinha uma definição clara do que pretendia ser no campo profissional.

A situação econômica dos pais de Cascudo, no início de sua formação, é um dos fatores que podemos considerar relevante como um existência determinante para a criação de uma estrutura favorável a uma forma de aprendizado mais significativo já que essa situação proporcionaria ao menino Cascudo, melhores oportunidades de ensino em relação a outras crianças de sua idade. As suas qualidades não estavam confinadas apenas a sua habilidade básica de ler, escrever ou aprender outra disciplina. Havia um esforço técnico, na pessoa dos melhores professores disponíveis, contratados por seu pai, que, mesmo na forma de uma pedagogia não convencional transmitia-lhe habilidades que o levaria a um processo de auto-educação e estímulo.

Observando o estreito paralelo existente entre a prática do estímulo induzido e as regras básicas da sociedade de sua época, veremos profundas conhecimentos inconscientes como também conhecimentos obtidos através de uma atividade humana, seguindo métodos rigorosos de

veracidade, ou seja, suas conclusões são baseada em fatos passíveis de comprovação, as vezes tornando-se independente de inclinações pessoal ou tendenciosa.

Analisando a formação educacional de Luís da Câmara Cascudo, podemos concluir que ele teve uma perfeita interação com o seu meio, em determinada época de sua vida, e isto promoveu nele, habilidades capazes de acumular novos conhecimentos sem que este modificassem seus hábitos e características própria.

BIBLIOGRAFIA

CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia dos Mitos Brasileiros. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1893

_____. Vida de Pedro Velho. Natal: Departamento de Imprensa, 1956.

_____. O tempo e eu. Natal: Imprensa Universitária, 1968. 338 p

_____. Seleta. Rio de Janeiro: José Olímpio. 1972. 212 p

_____. Superstição no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.

_____. História que o tempo leva. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924. 236p

COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao universo de Câmara Cascudo. Natal: Fundação Jose Augusto, 1969. 248 p.

COSTA, Zila Mamede da. Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual. Natal: Fundação Jose Augusto, 1974. 316 p.

DUARTE, Moacir. José Augusto e Câmara Cascudo: dois nomes, duas legendas. Brasília: CG/Senado Federal, 1985. 22 p

FREIRE, Paulo. Cuidado Escola. São Paulo: Brasiliense, 1991. 116 p

GICO, Vânia. Luís da Câmara Cascudo: biografia comentada. Natal:
EDUFRN, 1996. 390 p

LIMA FILHO, Diógenes da Cunha. Câmara Cascudo: um brasileiro feliz.
Natal"RN/Econômico, 1978. 184 p

_____. Luís da Câmara Cascudo: símbolo de brasilidade. Natal: RN/
Econômico. 1978.

PETROVICH, Enélio Lima. Vida e obra de Câmara Cascudo. Brasília:
CG/Senado Federal, 1988. 119 p.

